

## Experiências do I Encontro de Música, Educação e Gênero da UFPI: reflexões e encaminhamentos

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Música, Corpo, Gênero e Sexualidade

*Sâmia Maria Costa Rodrigues Lima Cantuário*  
*UFPI*  
*professorasamiacosta@gmail.com*

*Gabriel Nunes Lopes Ferreira*  
*UFPI*  
*gabrielnlf@ufpi.edu.br*

**Resumo.** Este trabalho tem como objetivo geral apresentar algumas reflexões sobre as experiências do I Encontro de Música, Educação e Gênero da Universidade Federal do Piauí (EMEG/UFPI), realizado em 2025. Como objetivos específicos ele busca relatar as atividades desenvolvidas no evento em diálogo com as teorias contemporâneas de gênero e apresentar os encaminhamentos da primeira edição do EMEG/UFPI. O embasamento teórico se apoia em autoras que discutem questões de gênero e sexualidade, como Joan Scott (1986) e Judith Butler (2003), e autoras periféricas do Sul Global que ampliam os debates de gênero com as categorias raça/etnia e classe social, como Sueli Carneiro (2020) e Lélia González (2020). Também são referências autoras que discutem gênero, corpo e sexualidade na universidade, como Laila Rosa e Isabel Nogueira (2015). Destaca-se ainda a contribuição de Lucy Green (2001), cuja obra *Música, género y educación* inspirou o nome do evento e oferece uma perspectiva interdisciplinar entre Música, Gênero e Educação. Entre os encaminhamentos do I EMEG/UFPI, estão: elaboração de um relatório final; articulação com docentes, profissionais, estudantes e instituições para ampliar as discussões sobre gênero; produção de materiais educacionais e incentivo à pesquisa acadêmica com produção científica sobre o tema.

**Palavras-chave.** Música, Educação, Gênero.

**Title.** Experiences from the First Meeting on Music, Education and Gender at UFPI:  
reflections and directions

**Abstract.** The general objective of this work is to present some reflections on the experiences of the 1st Meeting on Music, Education, and Gender of the Federal University of Piauí (EMEG/UFPI), held in 2025. The specific objectives are to report on the activities developed at the event in dialogue with contemporary gender theories and to present the directions of the first edition of the EMEG/UFPI. The theoretical basis is based on authors



who discuss issues of gender and sexuality, such as Joan Scott (1986) and Judith Butler (2003), and peripheral authors from the Global South who expand gender debates with the categories of race/ethnicity and social class, such as Sueli Carneiro (2020) and Lélia González (2020). Other references include authors who discuss gender, body, and sexuality in universities, such as Laila Rosa and Isabel Nogueira (2015). Also noteworthy is the contribution of Lucy Green (2001), whose work "Music, Gender, and Education" inspired the event's name and offers an interdisciplinary perspective on music, gender, and education. Among the objectives of the 1st EMEG/UFPI are: preparation of a final report; collaboration with teachers, professionals, students, and institutions to broaden discussions on gender; production of educational materials; and encouragement of academic research with scientific output on the topic.

**Keywords.** Music, Education, Gender.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar algumas reflexões sobre as experiências do I Encontro de Música, Educação e Gênero da Universidade Federal do Piauí (EMEG/ UFPI). A partir da minha atuação como coordenadora/ organizadora do evento, bem como da minha trajetória como estudante universitária e professora de Música em formação, objetivo especificamente: relatar as atividades desenvolvidas no evento em diálogo com as teorias contemporâneas de gênero e apresentar os encaminhamentos da primeira edição do EMEG/UFPI. O evento foi realizado nos dias 30 de junho, 1 e 2 de julho de 2025, e teve como público-alvo tanto a comunidade acadêmica da UFPI quanto a sociedade em geral, buscando ampliar os debates sobre gênero na Música e na Educação.

O embasamento teórico se apoia em autoras que discutem questões de gênero e sexualidade, como Joan Scott (1986) e Judith Butler (2003), e autoras periféricas do Sul Global que ampliam os debates de gênero com as categorias raça/etnia e classe social, como Sueli Carneiro (2020) e Lélia González (2020). Também são referências autoras que discutem gênero, corpo e sexualidade na universidade, como Laila Rosa e Isabel Nogueira (2015). Destaca-se ainda a contribuição de Lucy Green (2001), cuja obra *Música, género y educación* inspirou o nome do evento e oferece uma perspectiva interdisciplinar entre Música, Gênero e Educação.

## Gênero no contexto acadêmico- universitário: a importância de ampliar espaços para discutir o tema nos cursos de Música da Universidade Federal do Piauí



A minha experiência estudando gênero se iniciou com a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC 2023/2024), com o projeto *Estudos de gênero e música: uma pesquisa bibliográfica sobre a participação feminina na composição musical instrumental*. Posteriormente, escrevi a monografia *Repertório para ensino de violão: uma proposta a partir de métodos, estudos e peças de violonistas compositoras*, pesquisa que foi realizada em uma perspectiva crítica, feminista e decolonial em resposta ao desconhecimento e à exclusão de obras de compositoras no ensino de violão.

Durante os momentos de orientação da monografia, sentimos a necessidade de discutir mais as questões de gênero nos cursos de Música, observando que a realidade universitária confirmava o que autoras como Isabel Nogueira e Laila Rosa (2015) apontam sobre a naturalização das desigualdades de gênero na formação acadêmica. Segundo as autoras, é justamente nesse momento da formação das/os estudantes que a invisibilização feminina é naturalizada.

Os espaços de discussão sobre gênero na música são fundamentais para desconstruir as desigualdades de gênero reproduzidas na formação. Lucy Green (2001), em seu livro *Música, género y educación*, mostra como essas desigualdades historicamente resultaram na exclusão das mulheres de diversas atuações musicais, sobretudo aquelas relacionadas à composição, regência e ao desempenho de instrumentos marcados por estereótipos de masculinidade. A autora defende que a educação musical deve reconhecer essas desigualdades e adotar práticas mais inclusivas.

Havia poucos espaços de discussão sobre gênero nos cursos de licenciatura e bacharelado em Música da UFPI. Durante a minha trajetória como estudante da licenciatura na instituição, vivenciei somente dois momentos, e estes foram, inclusive, os únicos dos quais encontrei registros no *site* da universidade e no *site* do curso de Música da UFPI.

O primeiro momento se tratou de um evento que aconteceu em junho de 2023, chamado “Oca Translúcida”, que discutiu as questões de gênero e sexualidade relacionadas à transgeneridade e travestilidade, o segundo momento se tratou de uma palestra chamada “Os desafios da infância e adolescência trans no Brasil: família, educação e saúde”, que aconteceu em março de 2025 e discutiu questões de transgeneridade relacionadas à infância. Ambas as atividades foram realizadas por um projeto de extensão do curso chamado Oficina de Criação Artística (OCA), coordenado pela professora Dra. Deborah Oliveira. Apesar das ricas



contribuições desses espaços para as discussões de gênero no curso, não há informações sobre a continuidade das atividades.

Diante disso, decidimos ampliar os espaços de discussões sobre gênero na Música organizando o I EMEG/UFPI, com o intuito de realizar os debates de forma interdisciplinar entre a área da Música e outras áreas da Educação que compõem o Centro de Ciências da Educação, do qual os cursos de licenciatura e bacharelado em Música fazem parte.

### *O I Encontro de Música, Educação e Gênero da UFPI: teorias, metodologia e reflexões*

A programação do I Encontro de Música, Educação e Gênero (EMEG) da UFPI foi pensada de forma a contemplar pontos importantes dos debates atuais de gênero, entendendo que esta categoria é muito importante para a análise histórica das desigualdades sociais, mas sem deixar de considerar outras categorias que a interseccionam, como a sexualidade, a raça/etnia e a classe social.

Gênero é denominado por Joan Scott (1986), em seu trabalho *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, como elemento constitutivo das relações sociais, formado por símbolos culturalmente construídos, que compreende uma forma primária de dar significado às relações de poder, já que as estruturas hierárquicas dependem da aceitação dessas relações como naturais entre homens e mulheres, estabelecidas inicialmente na família, e depois ampliadas para a sociedade.

O avanço das discussões feministas trouxe para o debate temas importantes como a sexualidade, que no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, da autora Judith Butler (2003), é entendida, assim como gênero, como uma construção social, histórica e discursiva. Para Butler (2003), a sexualidade deve ser vista como um campo marcado por normas sociais, discursos reguladores e performatividade, que produz e limita as possibilidades de existência.

Além da sexualidade, os debates feministas contemporâneos envolvem as perspectivas periféricas do Sul Global, que perpassam as categorias raça/etnia e classe social. A autora afro-brasileira Sueli Carneiro (2020), em seu artigo *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*, destaca que a violência colonial de gênero contra as mulheres negras e indígenas está na base das identidades nacionais



latino-americanas. Ao analisar o papel da mulher negra na cultura brasileira, por exemplo, ela observa que as suas contribuições foram reduzidas à erotização de seu corpo.

Lélia González (2020), outra autora importante do pensamento feminista decolonial, em sua obra *Por um feminismo afro-latino-americano*, amplia essas discussões, mostrando como as questões de gênero, raça/etnia e classe social na formação da sociedade brasileira limitaram o acesso às mulheres negras de oportunidades de prestígio social no campo educacional e no mercado de trabalho. González (2020) amplia seu olhar para incluir as mulheres indígenas da América Latina, e concorda com Carneiro (2020) sobre como a dupla condição racial e sexual dessas mulheres as colocaram na base da pirâmide social de uma região estruturada por um capitalismo patriarcal e racista, que transforma diferenças em desigualdades.

Diante disso, compreendemos que os debates de gênero na contemporaneidade devem ser comprometidos com a pluralidade, evitando a legitimação de um cânone teórico hegemônico, conforme defende a autora Laila Rosa *et al.* (2013). Por isso, decidimos pensar uma programação que contemplasse ao máximo essa diversidade de ideias.

O I EMEG/UFPI aconteceu entre os dias 30 de junho e 2 de julho de 2025. A programação contou com a realização de palestra, oficinas, mesas redondas, roda de conversa e apresentações musicais que trouxeram o protagonismo de mulheres cis e trans, da área da Música e de outras áreas da Educação, profissionais e estudantes. A defesa do meu trabalho de conclusão de curso (TCC) também integrou a programação do evento.

A abertura do evento foi realizada dia 30 de junho, às 18h, com a apresentação musical da dupla “The Gingers”, composta pela violonista e baterista Priscila Casey e pela cantora Giuliette Miranda, duas mulheres que atuam no cenário do rock na cidade.

Em seguida tivemos uma mesa com as representantes do Centro de Ciências da Educação (CCE), da coordenação dos cursos de licenciatura e bacharelado em Música e uma representante da organização do evento. Esse primeiro momento de fala das representantes foi importante para observar como o tema tem sido tratado na universidade na perspectiva das pessoas que estão nas coordenações do CCE e dos cursos de Música.

Um destaque nesse momento foi uma manifestação de uma das pessoas presentes contra a autodeclaração de uma das representantes como mulher negra, o que acabou confirmado a importância de trazer as categorias gênero, raça/etnia e classe social para a



discussão no meio acadêmico. O desconhecimento sobre raça/etnia no ambiente universitário reproduz diversas formas de racismo alinhadas às questões de gênero.

De acordo com a crítica da autora Sueli Carneiro (2020), a identidade da mulher negra não pode ser pensada como extensão da identidade feminina universal, pois ela é pensada a partir de uma construção histórica diferente. A autora Lélia González (2020) vai um pouco mais além em seu pensamento sobre a identidade da mulher negra e afirma que não se nasce negra/o, torna-se negra/o, pois essa identidade é construída em luta e com consciência política. Nesse sentido, o ato da docente de se identificar e se autodeclarar negra diz respeito à trajetória histórica dela e de seus/suas ancestrais, e, acima de tudo, é um ato político, que deve ser respeitado. Assim, o I EMEG/UFPI se constituiu como um espaço para enfrentar preconceitos e afirmar identidades diferentes de raça/etnia, gênero, sexualidade, classe social, entre outras.

O primeiro dia de evento também foi marcado pela palestra “Música, Educação e Gênero: entrelaces possíveis na construção de novas perspectivas em educação musical”, proferida pela professora convidada Yanaêh Mota (Campus UFC Sobral). As discussões desse primeiro dia foram necessárias para compreender a relevância da discussão do tema numa perspectiva interseccional para a Música e para as demais áreas da Educação.

As oficinas realizadas no evento ocorreram nos dias 1 e 2 de julho, às 09h e às 10h30, e trabalharam temas como “Gênero e sexualidade na música orquestral: ênfase na liderança feminina”, sob condução da professora, flautista e maestrina Adeline Stervinou (Campus UFC Sobral), e “Educação musical, gênero e sexualidade na formação docente: temas para pensar a ética na profissão”, sob condução da professora, pesquisadora e violoncelista Yanaêh Mota. O público das oficinas foi bem diverso, contemplando estudantes mulheres e homens dos cursos de Música e estudantes de outros cursos também. Como resultado de uma das parcerias que fizemos para a realização do evento, tivemos a presença também de alguns/algumas estudantes da rede estadual de ensino nas oficinas

Os/as estudantes foram provocados a pensar sobre gênero e sexualidade nas oficinas, não somente na Música ou na Educação Musical, mas a perceber as questões de desigualdades e violências na sociedade como um todo. No que diz respeito às questões de desigualdade de gênero presentes na sociedade, na primeira oficina, por exemplo, discutiu-se desafios que mulheres cisgêneras, trans, brancas e negras, encontram para ocupar posições de liderança em diversos espaços sociais. Scott (1986) afirma que pensar gênero é essencial para compreender



como as sociedades constroem e legitimam hierarquias, mostrando que as desigualdades não são naturais, mas resultados de processos históricos e culturais.

Na segunda oficina, percebeu-se como as questões de gênero e sexualidade estão presentes na realidade e são naturalizadas na Educação, seja ela musical ou em qualquer outra área, na ausência de referências diversas, que vão além de homens, cisgêneros, brancos e europeus. A naturalização da violência contra minorias também pode ser discutida por meio da análise de letras de músicas com escritas machistas e preconceituosas.

Butler (2003), em diálogo com Foucault, mostra a importância de pensar as questões de gênero e sexualidade na formação acadêmica, pois ambas podem se constituir como formas de controle e mecanismos de poder e opressão. Foucault também considera que a sexualidade não se limita a ser controlada ou reprimida; ao contrário, ela também é estimulada, normatizada e produzida, sendo constantemente tematizada em categorias de normalidade e anormalidade.

A primeira mesa redonda aconteceu no dia 1 de julho, às 14h30, com o tema “Representatividade de gênero na música: experiências na performance, na pesquisa, educação musical e na produção cultural”, e evidenciou as atuações da professora, flautista e pesquisadora Camila Ropke (UFPI), da professora universitária e produtora cultural Ellem Brito (UFPI/SESC PI), da professora, flautista e maestrina Adeline Stervinou, com a mediação da professora e analista de música Joey Rodrigues (SESC PI).

Em seguida, tivemos a defesa do meu TCC, que contribuiu com os debates de gênero e as demandas feministas que tem como foco mulheres, ao apresentar uma proposta de repertório para ensino de violão a partir de métodos, estudos e peças de compositoras violonistas, nos níveis iniciantes, intermediário e avançado.

No segundo dia de evento, continuamos dando visibilidade ao trabalho de mulheres na Música com a apresentação musical da flautista Adeline Stervinou, acompanhada pelo violonista Marcelo Mateus, no Duo Girassol.

A segunda mesa redonda, realizada no dia 2 de julho, às 14h30, teve como o foco a Educação com o tema “Educação e igualdade de gênero no Ensino Superior e na Educação Básica”, convidando a professora da área da Pedagogia Marta Queiroz (DMTE<sup>1</sup>/UFPI), a

---

<sup>1</sup> Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino.



professora da área da Filosofia Socorro Borges (DEFE<sup>2</sup>/UFPI), o pedagogo, escritor e doutorando em Educação Wesley Rodrigues (PMT<sup>3</sup>/UFPI) e mediação do professor e pesquisador Ednardo Monti (UFPI), constituindo-se como um momento muito potente de trocas de experiências e conhecimento na área da Educação.

No terceiro dia de evento, às 16h30, também tivemos uma Roda de Conversa com profissionais e estudantes da música sobre “Atuações para a igualdade de gênero”, composta pela analista de música Joey Rodrigues (SESC PI), a trombonista e maestrina Brenda de Cássia (Banda da Prefeitura 16 de agosto, maestrina da Banda Escola e instrutora de metais do SESC PI), a cantora e empresária Edelane Carvalho, o *drag music* Gabriel Costa, a *roadie* e baixista Priscila Feitosa , a percussionista e professora Carol Dias, com mediação da cantora Alyssa Teixeira.

Destaco que esta atividade teve a relevância de dar visibilidade às atuações de mulheres e homens plurais, que desenvolvem trabalhos em espaços na Música em que se enfrentam muitos desafios de gênero, como as práticas musicais femininas em instrumentos masculinizados como os de sopro, os de percussão ou o baixo, o que transgride os limites que o patriarcado atribuiu para mulheres e homens na Música (Green, 2001).

Além disso, ao compartilhar trajetórias como a de Alyssa Teixeira, a primeira aluna trans dos cursos de licenciatura e bacharelado em Música da UFPI, ou a trajetória do Gabriel Costa, um estudante da licenciatura em Música que tem um trabalho como *drag music*, a Roda de Conversa mostrou como os percursos dessas pessoas são feitos de desafios e resistências em uma realidade em que se reflete pouco questões presentes como corpo, gênero e sexualidade.

Às 18h30 do dia 02 de julho, realizamos o encerramento do evento com as apresentações musicais de duas cantautoras da música regional piauiense: a multi-instrumentista, cantora e compositora Tauana Queiroz e a cantora e compositora Kayla Airan. Laila Rosa e Isabel Nogueira (2015), que são professoras, pesquisadoras, mas também são cantautoras, definem essa atuação musical como uma atuação política que combina composição e performance, encarnando um saber situado e agindo como resistência às lógicas patriarcais na música. Um dos papéis do I EMEG/UFPI foi transformar a invisibilidade das mulheres no

---

<sup>2</sup> Departamento de Fundamentos da Educação.

<sup>3</sup> Prefeitura Municipal de Teresina.



cenário artístico musical, produzindo espaços de divulgação dos trabalhos dessas artistas no evento..

Em todas as atividades do evento buscamos construir os diálogos com o máximo de pluralidade, trazendo para os debates profissionais e estudantes com suas vivências e conhecimentos a fim de construir novas perspectivas para as discussões de gênero na Música e na Educação. Entretanto, realizar isso não foi fácil, entre os desafios que encontramos para construir esse espaço plural, diverso e acolhedor, destaco a ausência de apoio de algumas/alguns docentes e discentes de Música e das demais áreas da Educação do CCE. Realizamos uma divulgação bem intensa, buscando envolver bastante os estudantes, mas esse é um tema que vai avançando aos poucos devido aos diversos tabus e preconceitos que o envolvem, algumas pessoas ainda pensam que gênero não é um tema de discussão da Música, e nem das demais áreas da Educação.

Contudo, ao mesmo tempo em que não tivemos o apoio e o envolvimento de todas e de todos, realizamos parcerias importantes com docentes e profissionais dentro da área da Música, e em áreas da Educação como a Pedagogia e a Filosofia, além da parceria com algumas instituições como o SESC e escolas da rede pública de ensino, por exemplo. Também pudemos contar com o apoio do Centro de Ciências da Educação e o apoio da coordenação dos cursos de licenciatura e bacharelado em Música.

### *Considerações Finais*

O I Encontro de Música, Educação e Gênero da UFPI representou uma iniciativa pioneira na Universidade Federal do Piauí de construir diálogos interdisciplinares e interseccionais sobre gênero, reunindo docentes, estudantes e profissionais da Música e de outras áreas da Educação.

Muitos encaminhamentos foram construídos durante o evento para serem apresentados para a comunidade acadêmica e a comunidade em geral, entre eles, destaco: a) a elaboração de um relatório final, com todas as atividades sistematizadas, debates e propostas levantadas; b) a articulação com docentes, profissionais, estudantes e instituições para ampliar os diálogos sobre gênero, construir novas parcerias e divulgar os resultados do evento; c) produção de materiais educacionais, como um livro com as principais temáticas discutidas no evento, com a



participação de docentes, profissionais e estudantes que ajudaram a construir os debates no I EMEG/UFPI; d) incentivar a pesquisa acadêmica sobre o tema com a produção de trabalhos científicos, como artigos, trabalhos de conclusão de curso (TCC), oferecendo orientação e apoio às/aos interessadas/os em pesquisá-lo.

Em relação à minha experiência como organizadora/coordenadora do I EMEG/UFPI, considero que tive uma atitude de liderança importante para a construção de um espaço coletivo. Os desafios vivenciados foram observados principalmente na resistência de algumas/alguns docentes e discentes em contribuir ou participar do evento, mas foram superados com as parcerias com docentes, discentes e profissionais dentro da área da Música, e em áreas da Educação como a Pedagogia e a Filosofia, que se fizeram sensíveis ao debate. Além disso, destaco também a parceria com algumas instituições como o SESC e escolas da rede pública de ensino.

Ressalto que a construção do I EMEG/UFPI foi uma construção coletiva, ainda que liderada, e que a universidade precisa de mais ativismos coletivos para a transformação do ambiente acadêmico em um espaço de inclusão, diversidade e pluralidade.

A experiência com o evento me fez desejar ainda mais me aprofundar no tema e seguir uma jornada acadêmica comprometida com as mudanças no cenário de desigualdades de gênero na Música. Eu considero que o evento cumpriu o seu papel, ampliou os debates e sensibilizou muitas/os docentes, estudantes, profissionais e instituições sobre a importância de discutir gênero, nos fazendo pensar juntas/os em estratégias para mudar os cenários das desigualdades na Música e na Educação.

## Referências

CARNEIRO, Sueli. *Enegecer o feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. Universidade Católica de Pernambuco. 2020. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegecer-o-feminismo.pdf>

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Zahar, 2020.



GREEN, Lucy. *Música, género y educación*. Tradução de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, S.L., 2001.

ROSA, Laila et al. Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil. In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONSECA, Susan Campos. *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Goiânia: Anppom, 2013.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. *Revista Vórtex*, Curitiba, v.3, n.2, 2015, p.25-56  
[http://vortex.unespar.edu.br/rosa\\_nogueira\\_v3\\_n2.pdf](http://vortex.unespar.edu.br/rosa_nogueira_v3_n2.pdf)

SCOTT, Joan W. "Gender: A Useful Category of Historical Analysis." *The American Historical Review*, vol. 91, no. 5, 1986, pp. 1053–75. JSTOR. Disponível em:  
<https://doi.org/10.2307/1864376>